

**O PAPEL DA PESQUISA EM PERIÓDICOS NO ESTUDO DA COMPOSIÇÃO DO LIVRO *REINAÇÕES DE NARIZINHO*, DE MONTEIRO LOBATO**

Denise Maria de Paiva BERTOLUCCI

**Resumo:** A pesquisa em periódicos teve papel essencial no desenvolvimento do estudo sobre a composição do livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. O propósito deste artigo é, portanto, detalhar alguns resultados obtidos com o acesso a tais fontes impressas, disponibilizadas por órgãos de amparo à pesquisa de universidades públicas do Estado de São Paulo.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato; *Reinações de Narizinho*; Periódicos.

**THE FUNCTION OF THE SEARCH IN JOURNALS IN THE STUDY OF THE COMPOSITION OF *REINAÇÕES DE NARIZINHO*, BY MONTEIRO LOBATO**

**Abstract:** The search in journals had an essential function in the development of the study about the composition of the book *Reinações de Narizinho*, by Monteiro Lobato. So, the purpose of this article is to detail some results that we have got with the access to these printed sources, that are available in the institutes of search of the public universities from the state of São Paulo.

**Keywords:** Monteiro Lobato; *Reinações de Narizinho*; Journals.

“Caso único na história da nossa vida intelectual”<sup>1</sup>, nas palavras de José Aderaldo Castello, a célebre correspondência de Monteiro Lobato com Godofredo Rangel, reunida nos dois tomos de *A barca de Gleyre*, encerra manifestos importantes do escritor sobre sua obra. Numa das cartas enviadas ao amigo, o criador da personagem Narizinho diz:

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. Trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel!<sup>2</sup>

Lobato expõe o plano, pois, da composição de *Reinações de Narizinho*<sup>3</sup>, explicitando seu intento no preparo do livro para a publicação. As palavras do escritor levaram à decisão de

verificar a compatibilidade de intenção e realização no volume considerado, principalmente quanto aos procedimentos ligados ao discurso. Assim, no estudo sobre a composição desta obra, por nós empreendido no período de 2002 a 2005, buscamos verificar a consciência de construção literária de Lobato e perscrutar o aprimoramento de sua linguagem narrativa<sup>4</sup>. Para tanto, apoiamos-nos em passagens significativas do depoimento acima para realizar comentários e análises, dentre as quais se destacaram o cotejo de *Reinações de Narizinho* com uma de suas versões preliminares, *A Menina do Narizinho Arrebitado*<sup>5</sup>, de 1920 e o estudo da unificação dos episódios que compõem aquela obra.

No paralelo e na investigação dos meios de integração mobilizados, apontamos as melhorias e os resultados do esforço de coesão obtidos por Lobato no que diz respeito a temas, ao discurso, aos recursos lingüísticos e à apresentação de personagens. A comparação e o estudo da unificação revelaram o aprimoramento da linguagem narrativa lobatiana e confirmaram a compatibilidade de propósito e prática no livro em questão.

No desenvolvimento do trabalho, a pesquisa, em periódicos, teve papel essencial em particularmente três momentos: na fixação do ano de 1931 como o da primeira edição do volume estudado; na definição de autoria, veículo e data de divulgação, possivelmente, de um dos primeiros textos críticos a empreender uma análise mais objetiva dos elementos estruturais do livro; e na apresentação da versão preliminar de um trecho que viria a compor posteriormente o livro *Narizinho Arrebitado*<sup>6</sup>, de 1921, o que permitiu o confronto dessa escrita com a que se fixa em *Reinações*. O acesso a tais fontes impressas foi possível graças à existência dos órgãos de amparo à pesquisa das universidades públicas do Estado de São Paulo: o setor de obras raras da Biblioteca Acácio José Santa Rosa, o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – CEDAP, órgãos da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, e o Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, da Universidade de São Paulo. O objetivo do artigo é, assim, pormenorizar os resultados obtidos com a consulta aos periódicos dos acervos dessas instituições.

A fixação do ano da publicação de *Reinações de Narizinho*, 1931, impôs-se no estudo, porque pelo menos três dos mais conhecidos estudiosos da literatura lobatiana destinada às crianças, Leonardo Arroyo<sup>7</sup>, Francisco de Assis Barbosa<sup>8</sup> e Nelly Novaes Coelho<sup>9</sup>, apontam o ano de 1934 como o momento em que o escritor inaugura a trajetória editorial do volume comentado. Pode-se localizar a origem de tal idéia na reunião das cartas escritas por Lobato ao amigo Godofredo Rangel, feita por Edgard Cavalheiro nos volumes de *A barca de Gleyre*.

A carta já apresentada acima, conforme se identifica na obra organizada por Cavalheiro, teria sido escrita por Lobato em São Paulo, no dia 7 de outubro de 1934. Em virtude da menção a *Reinações*, nas circunstâncias de composição descritas, os estudiosos citados tomam a data indicada por Cavalheiro como a da publicação do livro. Um olhar mais atento ao que diz o escritor, no entanto, pôde conduzir a uma idéia distinta.

No fragmento destacado, Lobato faz referência a uma iniciativa em andamento, relacionada à organização do livro *Reinações de Narizinho*. Devido ao emprego, pelo escritor, de determinadas expressões – *Tenho em composição; Estou gostando tanto* – tem-se claramente a noção de atividade em processo em que está envolvido. Quer isso dizer que a tarefa de composição - consolidando, melhorando, aumentando e unificando as aventuras publicadas anteriormente em separado - está sendo realizada naquele momento. Se está realizando tal tarefa, a publicação do volume teria que aguardar a conclusão do trabalho de preparação. Em resumo, a publicação de *Reinações de Narizinho* não poderia ser simultânea à escritura da carta; só poderia ocorrer depois de alguns meses, pelo menos.

Numa outra carta de Lobato, escrita em São Paulo, no dia 3 de dezembro de 1931, também segundo Edgard Cavalheiro, o autor explicita outra idéia quando se refere ao lançamento de *Reinações*. Não se tem mais a noção de algo em processo, mas de algo já efetivado, concluído, ou seja, o escritor faz alusão ao livro preparado e já publicado. Acompanhe-se um trecho da carta: “Já viste *Reinações de Narizinho*? Vou falar na Editora que te mandem.”<sup>10</sup>

É curioso que, se pensarmos nas cartas como documentos escritos no mesmo ano de 1931, o período entre a preparação e a publicação do livro é de dois meses, isto é, de outubro a dezembro, tempo suficiente para a finalização da tarefa referida por Lobato. Essa possibilidade se fortaleceu com a descoberta de um artigo no jornal *O Estado de S. Paulo*, em que Plínio Barreto aprecia o livro lançado, *As Reinações de Narizinho*, realizando, talvez, a primeira crítica do volume. Esse artigo é publicado em 19 de dezembro de 1931, provando que o ano focalizado é o mesmo da preparação e da publicação. A inquirição que tornou possível a leitura desse julgamento, e a conseqüente fixação do ano de 1931 como o da publicação de fato do livro, deu-se no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – CEDAP, órgão da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, de Assis.

Na data citada, 19 de dezembro de 1931, o nome de Plínio Barreto não aparece, provavelmente por causa da diagramação realizada no número do jornal. Descobrimos, porém, mediante a verificação de outras colaborações devidamente assinadas, que o famoso jurista era o responsável pela seção “Livros Novos” do jornal *O Estado de S. Paulo*, em que surge a crítica do volume *As Reinações de Narizinho*<sup>11</sup>.

Plínio Barreto introduz a crítica com uma reflexão sobre o “espírito de contradição” da criança, comportamento de discordar de tudo que os adultos lhe pedem ou lhe mandam fazer. Postula que tal atitude não decorre simplesmente do fato de o infante não compreender a conveniência dos pedidos e das ordens dos adultos, mas principalmente da necessidade de afirmar-se perante os mais velhos, de “provar que ‘existe’ fora das pessoas grandes”, enfim, de protestar “contra a intervenção excessiva dos adultos” em sua vida. Não querendo, portanto, ser impedidas de se manifestarem por si mesmas, as crianças, segundo o crítico, deixam-se

atrair por “educadores tolerantes”, que as deixam viver a vida intensamente, e pelos avós, mais indulgentes e compreensivos, e que se fazem também crianças na convivência.

Do mesmo modo, prossegue Barreto, como sabem escolher as pessoas “de suas relações”, as crianças também sabem rechaçar e consagrar escritores, constituindo um público exigente, que somente aceita as obras, raras, nas quais se realiza “o milagre do máximo de imaginação com o máximo de verdade”. Para o autor do artigo, em geral, os adultos desrespeitam a inteligência dos pequenos e oferecem a eles livros “insípidos”, que, no lugar da “fantasia”, apresentam “disparate”, e, no lugar do “simples”, expõem o “banal”.

Diz, na seqüência, que há dois escritores paulistas, naquele momento, que conseguiram quebrar a reserva do grande público infantil, e um deles é Monteiro Lobato. Embora o nome do outro escritor não seja citado, presumiu-se que seja Menotti Del Picchia, autor nascido em São Paulo e que alcançou grande popularidade como escritor infantil na década de 30, do século passado. O crítico passa, então, a enumerar as qualidades do estilo de Lobato, na escrita para as crianças, que fazem seu sucesso junto a esse público:

Esse escritor, de estilo vigoroso e de colorido forte, com seu humorismo amargo e sarcástico e seu ímpeto panfletário, saiu-nos, de fato, um narrador capaz de virar a cabeça das crianças, com suas narrativas ricas de imprevistos, de uma ironia amável e de encantadora suavidade. Ele se dirige às crianças com todo o seu coração e toda a sua inteligência; um e outro, reunidos, o tornam infinitamente compreensivo para as exigências e os impulsos naturais da criança. O seu poder admirável, cada vez mais desenvolvido, da observação, que cria o estilo; esse sentido a um tempo agudo e intenso da forma, que lhe dá às expressões um encanto particular e a sua imaginação, inesgotável em surpresas, fizeram do escritor de “Urupês”, um mágico encantador de crianças; uma espécie de Papá Noel, bem brasileiro, de que elas estão sempre à espera, e que traz, na sacola de suas historietas, uma porção de coisas miríficas, que põem em alvoroço os nervos das crianças.

Para Plínio Barreto, Lobato é um psicólogo arguto, embora não o pretenda, e “mergulhou em cheio no mundo maravilhoso que constitui a vida infantil”. Frisa, porém, que, nesse mergulho, o escritor não tem propósitos de pedagogo e muito menos de organizar o “bazar fantástico” que é a cabeça das crianças. De uma forma familiar, amável e acolhedora, desperta e entretém a curiosidade típica da infância, demonstrando domínio completo da arte de escrever para os pequenos. Dessa forma, considera o crítico, Lobato restaura, no Brasil, a tradição da literatura infantil universal, renovando a “intimidade” entre o escritor e a criança. No último parágrafo do artigo, o crítico se concentra no livro em foco:

Nas páginas de seus contos, agora reunidos no volume “As reinações de Narizinho”, palpita a vigorosa sensação de um ambiente desenrolado em plena natureza, com a graça, o pitoresco e o humorismo que fizeram de Monteiro Lobato um narrador inconfundível. Dir-se-ia que nessas criações integralmente novas, em que toca às próprias fontes da emoção e da poesia, ele concentrou todas as qualidades primaciais, com que se impôs nos “Urupês”, e que o gosto e o hábito de escrever para crianças desenvolveu e apurou em vigor e simplicidade. Páginas alegres, ágeis e sadias, leves e delicadas, ricas de substância da vida, são as “Reinações de Narizinho”, a melhor festa para as crianças que vivem horas felizes, entretidas com esse feiticeiro animador de ilusões, artista e educador a um tempo, que, conseguindo fazer-se amar das crianças, faz com que elas comecem, por ele, a amar os livros.

O entusiasmo com que Plínio Barreto saúda a publicação do livro, mencionando pela primeira vez o sentido poético e o apuro narrativo nele existentes, manteve-se inalterado ao longo dos anos, conforme constatamos na elaboração da fortuna crítica do volume. Salientamos que esse artigo foi tomado no estudo como a mais importante prova de que a publicação de *Reinações de Narizinho* se dá, de fato, em 1931. Uma explicação para o registro do ano de 1934, como o da escrita e envio da missiva em que Lobato traça o plano da composição de *Reinações* é considerar, provavelmente, um erro de tipografia, o que a semelhança dos caracteres dos algarismos 1 e 4 ajuda a compreender<sup>12</sup>.

Existem, claro, outros argumentos fortes para o estabelecimento do ano da publicação; é o caso do registro das edições lobatianas. No livro *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*, Hilda Junqueira Villela Merz, organizadora do museu da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato de São Paulo, no texto de apresentação do histórico das edições lobatianas, explica:

Este histórico, que acreditamos será muito útil aos pesquisadores que queiram investigar mais a fundo a criação do universo lobatiano, foi organizado de modo a reconstituir a trajetória de suas obras, título por título (42 lançadas por ele mesmo, um póstumo e um ainda inédito), procurando indicar a referência das edições, sempre que possível, desde a sua publicação inicial até a versão final legada pelo escritor.<sup>13</sup>

Merz, de respeitável função por vários anos no museu da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, tem autoridade e credibilidade quando organiza o histórico das edições do escritor. Na publicação referida, ela cita o ano de 1931 como o da primeira edição de *Reinações de Narizinho* e não menciona o ano de 1934 nem como o de uma reedição. Originalmente, informa Merz, o título era *As Reinações de Narizinho* - como se verifica no artigo

do jornal *O Estado de S. Paulo* de dezembro de 1931 -, passando a ser *Reinações de Narizinho*, em 1947, quando aparece nas obras completas. Ela aponta o ano de 1933 como o da segunda edição do livro e até a sétima, de 1937, não registra nenhuma data, identificando tais edições intermediárias, preferindo usar a expressão “sem data” para se referir a essas.

Na constituição da fortuna crítica da obra, tivemos ainda a oportunidade de consultar documentos do Dossiê Monteiro Lobato, pertencente ao Fundo Raul de Andrada e Silva do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, da Universidade de São Paulo. Nessa pesquisa, deparamo-nos com o artigo “No Sítio do Picapau Amarelo”<sup>14</sup>. Trata-se de uma crítica não apenas do livro *Reinações de Narizinho*, mas da obra infantil lobatiana, pois discute as razões que explicariam a grande repercussão dessa lavra junto ao público. O autor do texto, contudo, dá destaque ao livro estudado, talvez na primeira análise mais objetiva dos elementos estruturais do livro, a qual repercutirá ao longo dos anos, nos ensaios críticos de outros estudiosos da prosa infantil de Lobato, como Nelly Novaes Coelho e Cassiano Nunes.

É importante dizer que as informações sobre autoria, veículo e data da divulgação desse texto não existem no Arquivo do IEB-USP. Para suprir as lacunas mencionadas, confrontamos o título do artigo com os títulos da relação de fontes para o estudo de Lobato e sua obra, feita por Edgard Cavalheiro para a 9ª edição de *Urupês*<sup>15</sup>, da 1ª série das Obras Completas de 1957. Descobrimos, assim, a autoria de Cavalheiro, o título do periódico em que foi publicado o artigo, *Gazeta Magazine*, um jornal de São Paulo, e a data da veiculação, 11 de janeiro de 1942.

Trechos do artigo, diga-se, são idênticos aos do texto “Vida e obra de Monteiro Lobato por Edgard Cavalheiro”, presente na abertura da edição de *Urupês* já apontada, mas escrito em setembro de 1954. Esse material condensa as informações que serão oferecidas em profundidade na biografia *Monteiro Lobato – Vida e obra*, de 1955. No segundo tomo da referida biografia, Cavalheiro retoma passagens do artigo de 1942. No artigo, enfim, o crítico concentra-se na literatura infantil de Lobato e aponta fatos relevantes que não estão no estudo introdutório, escrito em 1954, nem na biografia, publicada em 1955. O descaso da crítica literária com a literatura infantil é um ponto abordado apenas no artigo de 1942:

Em geral esse gênero de literatura passa incriticado (sic!) entre nós. Não lhe dão a atenção merecida. Pode-se afirmar que muitos o consideram gênero destituído de importância literária. O engano não pode ser mais absurdo e incongruente.

O “sentido poético” das idéias postas em prática pelo escritor paulista, em sua ficção infantil, é outro assunto de que o crítico não se ocupa no estudo introdutório e na biografia, com a mesma acuidade. Acompanhe-se uma passagem do artigo:

Um poeta em plena exteriorização dos seus mais íntimos sonhos e ambições. O casamento de Narizinho com o Príncipe Escamado, para citar um exemplo, constitui página de bela e pura poesia. E a descrição do maravilhoso vestido nupcial de Narizinho pode, perfeitamente, figurar em qualquer antologia poética.

Edgard Cavalheiro discorre, na continuação do artigo, sobre alguns aspectos que elucidariam o sucesso de Lobato em meio aos pequenos: a objetividade da narração, o rompimento com a noção de “tempo” e “realidade”, onde tudo é “natural” e de fato acontece, sem que se use a explicação do sonho, “como a gente estava acostumada a ver em tantos outros autores.”<sup>16</sup> A questão da inexistência de separação entre o real e o maravilhoso é acentuada pelo crítico, e tida como a base dessa produção:

A nenhuma distinção entre o real e o irreal é, portanto, o ponto de partida de Monteiro Lobato. O que ele faz acontecer nas “Reinações de Narizinho” e em todos os outros volumes da série, não cabe, evidentemente, numa crônica. É todo um mundo que as crianças sentem, acreditam, anseiam por conhecer. E por isso lhe escrevem de todos as partes.

O crítico trata ainda da “elasticidade” da língua usada por Lobato, que cria vocábulos e “torna os verbos maleáveis”; fala também do abandono do intuito moralizador e da adoção da idéia de que “a inteligência bem orientada” se impõe à força bruta. Percorridas essas etapas de reflexão, Cavalheiro volta a falar do sentido poético encontrado em certos achados temáticos da obra lobatiana:

Porque poesia é o maravilhoso da vida, o nenhum limite para a nossa concepção das coisas e dos seres. Esse anseio de ultrapassar o real, de atingir uma super-realidade, se assim podemos nos expressar é o anseio não só das crianças como de todos nós. Por isso seus livros infantis interessam também os adultos. Um desenho de Walt Disney é, quase sempre, uma obra da mais pura poesia. E o anjo da asa quebrada que Emília traz do céu não é, também, uma concepção poética das mais altas? (...) E o que dizer de certos detalhes que a gente suspira por ver num desenho? Estes por exemplo: “Em vez de lâmpadas viam-se, pendurados do teto, buquês de raios de sol colhidos pela manhã”. “Quem é? indagou de dentro o peixinho, que estava a despir-se das suas escamas para dormir”.



Na conclusão do artigo, Cavalheiro afirma que a “imaginação” e o “espírito” das narrativas de Lobato são os da própria infância e isso, enfim, explicaria a imensa aceitação de seus livros e de suas personagens.

Outro momento do estudo em que a consulta, em periódicos, teve papel essencial foi o do confronto da escrita definitiva de um trecho de *Reinações de Narizinho* com uma versão preliminar dessa história. Dentro do propósito de apontarmos a concretização do plano manifesto por Monteiro Lobato, no trecho da carta em que comenta a composição do volume *Reinações de Narizinho*, já exposto, houve a necessidade de esclarecermos o significado da idéia relacionada aos “aumentos”. O escritor organiza a obra infantil enfocada reunindo, remodelando e unificando, basicamente, histórias que já havia publicado em separado, sobretudo, no período de 1928 a 1931.

Como essas narrativas passam a compor um título principal e se harmonizam, a enumeração que aqui se faz delas utiliza o recurso tipográfico destinado a capítulos: Narizinho Arrebitado, O Marquês de Rabicó, O noivado de Narizinho, Aventuras do Príncipe, O Gato Félix, A cara de coruja, O irmão de Pinocchio, O circo de escavalinho, A pena de papagaio, O pó de pirlimpimpim.

Para que compreendêssemos, inicialmente, os aludidos aumentos, foi importante lembrar que, nesse esforço básico de unificação das várias histórias, há, seguramente, a realização de acréscimos às primeiras versões. Não se pôde verificar de fato os aumentos feitos, porque, com exceção de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, reeditado em 1982, por ocasião do centenário de nascimento de Monteiro Lobato<sup>17</sup>, os outros livros originais que passam a compor *Reinações de Narizinho* são praticamente inacessíveis para o manuseio exigido num trabalho de pesquisa e análise<sup>18</sup>.

Ainda pensamos, à primeira vista, que se associasse à idéia dos aumentos declarada por Lobato o capítulo intitulado O Sítio do Picapau Amarelo, também integrante do volume *Reinações de Narizinho*. Esse capítulo, colocado logo depois do primeiro, Narizinho Arrebitado, é o único que aparentemente não retoma uma obra já publicada anteriormente em separado, levando à pressuposição de que poderia ter sido escrito e acrescentado à época da organização de *Reinações*. Nelly Novaes Coelho informa a tal respeito, porém:

Várias alterações foram feitas no texto original [de *A Menina do Narizinho Arrebitado*] e também acrescentada uma Segunda Parte (hoje incluída no volume *Reinações de Narizinho*, com o título “O Sítio do Picapau Amarelo”), onde já encontramos todas as personagens que, através dos anos, acabaram por formar o universo do Sítio de D. Benta: Lúcia, Emília, Pedrinho, D. Benta, Tia Nastácia, o Marquês de Rabicó e o Visconde de Sabugosa. Nessa Segunda Parte, surge também Tom Mix (o primeiro grande cowboy do cinema).<sup>19</sup>



A referida Segunda Parte vem a ser, na verdade, o conteúdo parcial do livro *Narizinho Arrebitado*, lançado em 1921. Confirmou tal dado a leitura de alguns textos novos desse livro publicados na *Revista do Brasil*. O periódico, por fazer parte do acervo de obras raras da Biblioteca Acácio José Santa Rosa, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, pôde ser consultado para o estudo. Constatou-se, assim, que nos números 61 e 62 da revista, respectivamente, de janeiro e fevereiro de 1921, são veiculadas novas experiências de Narizinho, indicando a continuação da saga da protagonista de *A Menina do Narizinho Arrebitado* na forma de novas aventuras acrescidas à matriz citada.

No número de janeiro, sob o título “Lúcia, ou a Menina do Narizinho Arrebitado”, entre as páginas 42 e 50, e em meio a sete ilustrações de Voltolino, propagam-se os textos O enterro da vespa, A pescaria de Emília e As formiguinhas. Anuncia-se o material como “Fragmento”, e há, antecedendo-o, um texto não-assinado, cujo conteúdo é o que segue:

A nossa literatura infantil tem sido, com poucas exceções, pobríssima de arte, e cheia de artifício, - fria, desengraçada, pretenciosa. Ler algumas páginas de certos “livros de leitura”, equivale, para rapazinhos espertos, a uma vacina preventiva contra os livros futuros. Esvai-se o desejo de procurar emoções em letra de forma; contrai-se o horror do impresso... Felizmente, esboça-se uma reação salutar. Puros homens de letras voltam-se para o gênero, tão nobre, por ventura mais nobre do que qualquer outro. Entre esses figura Monteiro Lobato, que publicou em lindo álbum ilustrado o conto da “Menina do narizinho arrebitado”, e agora o vai ampliando de novos episódios, alguns dos quais se reproduzem aqui.<sup>20</sup>

O número 62 da *Revista do Brasil*, de fevereiro de 1921, continua a apresentação de acréscimos à narrativa lobatiana. A partir do mesmo título da publicação anterior, “Lúcia ou A Menina do Narizinho Arrebitado”, com seis ilustrações de Voltolino, e entre as páginas 121 e 126 do periódico, são divulgados os textos A colméia e A rainha. Nos números seguintes de 1921, nada mais se veicula.

O volume *Narizinho Arrebitado* é fruto de profunda reformulação da matriz *A Menina do Narizinho Arrebitado*. O volume de 1921 traz significativo aumento do número de páginas – das 43 do volume primeiro passa a 181 nesse outro livro -, o que repercute no aumento considerável do número de ilustrações de Voltolino, passando de 60 para 114 desenhos, como se descobriu na propaganda do livro publicado de fevereiro a julho de 1921, também na *Revista do Brasil*.

De posse desse material, foi possível, enfim, considerar um trecho preliminar e muito pouco conhecido da narrativa desenvolvida em *Narizinho Arrebitado* e confrontá-lo com sua versão definitiva veiculada no volume *Reinações de Narizinho*. A discussão que se fez no

estudo, a partir do material do acervo da Biblioteca Acácio José Santa Rosa, volta-se para questões relacionadas com a linguagem narrativa; portanto, é oportuno que se esclareçam os princípios teóricos utilizados

É tempo de se falar a respeito das narrativas metadieéticas, ou seja, dos discursos de personagens marcados por uma ação criativa mais ampla e sofisticada, em que seres e espaços são organizados com riqueza de atributos. A narração, nesse aspecto, se confunde com a principal, dando a impressão de que o narrador titular é a própria personagem, tamanho o obscurecimento do discurso extradiegético.

Acredita-se que a situação descrita acima seja a de fato abordada por G. Genette, na obra *Discurso da narrativa*. Faz-se útil conhecer, pois, o que o teórico entende, exatamente, por narrativas metadieéticas:

Definiremos essa diferença de nível dizendo que todo o acontecimento contado por uma narrativa está num nível diegético imediatamente superior àquele em que se situa o ato narrativo produtor dessa narrativa. A redação, por M. de Renoncourt, das suas Mémoires [d'un homme de qualité] fictícias é um ato (literário) levado a cabo num primeiro nível, que se dirá extradiegético; os acontecimentos contados nessas memórias (entre os quais o ato narrativo de Des Grieux) estão nessa primeira narrativa, qualificá-las-emos, pois, de diegéticas, ou intradieéticas; os acontecimentos contados na narrativa de Des Grieux, narrativa no segundo grau, serão ditos metadieéticos ...<sup>21</sup>

Como se passa na obra de Abbé Prévost, a narrativa *Reinações de Narizinho* é resultado de um ato literário que, num primeiro nível, o extradiegético, é levado a efeito por um narrador que não se nomeia. Todos os episódios contados por esse narrador formam uma primeira narrativa, em que as personagens Emília, o falso gato Félix, o Visconde de Sabugosa, bem como seus atos, se colocam no nível intradieético. Ocorre que esses entes ficcionais intradieéticos também se responsabilizam por atos literários, de modo que os acontecimentos por eles contados são de segundo grau, ou metadieéticos.

Emília é a primeira personagem a criar uma narrativa no livro. O fato de a boneca destacar-se como narradora na obra não chega a ser uma surpresa, pois, em várias oportunidades ao longo do livro se alude ao gosto dela por histórias. Já no segundo capítulo, O Sítio do Picapau Amarelo, o narrador principal afirma:

Dona Benta era outra que achava muita graça nas maluquices da boneca. Todas as noites punha-a ao colo para lhe contar histórias. Porque não havia no mundo quem gostasse mais de história do que a boneca. Vivia pedindo que lhe contassem a história de tudo – do tapete, do cuco, do armário. Quando soube que Pedrinho, o

outro neto de Dona Benta, estava para vir passar uns tempos no sítio, pediu a história de Pedrinho.<sup>22</sup>

Do costume de ouvir nasce a habilidade de contar, o que leva Dona Benta a comentar com tia Nastácia, depois de ouvir a história contada por Emília no sexto capítulo, O Gato Félix: “--- (...) Pois não é que essa boneca aprendeu a contar história que nem uma gente grande?”<sup>23</sup> Narizinho também reconhece a competência da contadora: “--- (...) A história que você contou está muito boa e merece grau dez. Para uma boneca de pano, e feita aqui na roça, não podia ser melhor.”<sup>24</sup> No sétimo capítulo, Cara de coruja, Emília não tem dúvida quanto ao que perguntar ao espelho mágico ganho de Branca-de-Neve, e a resposta é pronta, confirmando sua fama. Acompanhe-se a cena:

--- Diga-me, senhor espelho, qual a boneca que conta histórias mais bonitas?  
--- É a ilustre Marquesa de Rabicó! --- respondeu o espelho na sua voz mágica.<sup>25</sup>

O empenho de Emília já se exterioriza na narrativa cujo assunto é o enterro da vespa que picou a língua de Narizinho, do segundo capítulo da obra estudada. O modo impagável como narra o desenrolar da cerimônia fúnebre faz com que a história se ajuste à recepção infantil. Antes de transcrevermos a narrativa de Emília em *Reinações*, apresentamos a versão do mesmo acontecimento publicada na *Revista do Brasil* de janeiro de 1921.

Já afirmamos que a veiculação de trechos diferentes dos narrados no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi feita no periódico até fevereiro daquele ano. Isso permitiu supor que tais enredos vêm a integrar posteriormente o livro *Narizinho Arrebitado*. Como não se teve acesso ao livro, não se pode dizer que seu conteúdo, em relação ao enterro da vespa pelo menos, é o mesmo que aqui se apresenta. De qualquer modo, mesmo que o escritor tenha reescrito o trecho no livro, é interessante perceber que, na revista, a narração do fato não cabe à Emília. Acompanhe-se a passagem, transcrita inteiramente, pela importância que encerra:

Foi ao escurecer. O leitão rabicó, já de barriga cheia, roncava no chiqueirinho sonhando árvores que dessem espigas de milho em vez de frutas. E Narizinho, num canto da sala de jantar, vestia na boneca uma saia nova, de pintas azuis, feita pela tia Anastácia.  
--- Não estou gostando... murmurava Emília que era muito luxenta em matéria de vestidos. Está pensa e além disso muito apertada no cós.  
--- Alarga-se o cós, remediou a menina.

--- Depois, continuou Emília, de nariz torcido, já disse que não gosto desta moda de babadinhos. Fico velha e feia, tal qual uma perua choca.

--- Enjoada!...

Enquanto assim conversavam as duas, embaixo da jabuticabeira grande se reuniam amigos e parentes da vespa machucada.

Pobre vespa! Muito tempo ficou no chão, moribunda, movendo lentamente ora uma perninha ora outra. Por fim encolheu as pernas todas e imobilizou-se, morta. E agora vinham amigos e parentes a cuidar do enterro.

Quatro formigas pretas ergueram no ferrão o seu triste corpinho inteiriçado e foram-se com ele a caminho do cemitério. Atrás delas um louva-a-deus de mãos postas seguia, rezando – *ora pro nobis, dominus vobiscum* – no latim lá dos insetos.

E assim chegaram ao cemitério onde uma paquinha coveira acabava de abrir a cova. As formigas depuseram na cova a defunta e começavam a cobrir o corpo de terra – quando apareceu, esbaforido, um besouro de sobrecasaca e chapéu-canudo, com as tiras de um discurso na munheca. O ilustre figurão era o orador oficial do Instituto Histórico dos Escaravelhos, sábio de grande fama na Besourolândia, mas um peroba de marca! Principiou a falar, com citações de mil autores e muitas frases latinas. Falou, falou, e como não acabasse mais de falar, o louva-a-deus, impaciente, arrolhou-lhe a boca com um toquinho de pau.

As formigas aproveitaram o lance para encher a cova e colocar em cima da terra um pedregulho redondo com esta inscrição:

*Aqui jaz*

*uma pobre vespa assassinada*

*na flor dos anos*

*pela Menina do Narizinho Arrebitado.*

*Orai por ela!*

Feito o que, cada um tratou de raspar-se para as respectivas tocas, depressinha, antes que a noite viesse. Porque então apareceriam os morcegos malvados que caçam sem dó todos os insetos desprevenidos. Só ficou no cemitério o orador besouro, lutando para desenvolver-se a fim de concluir a leitura do discurso. Teimava em falar, o ladrão! E tanto fez que arrancou o batoque e prosseguiu na lenga-lenga:

--- Mon't Alverne já disse que...

Mas aconteceu que suas palavras despertaram um sapo que cochilava ali por perto. O sapo olhou-o bem, ouviu um pedacinho do discurso, deu uma risada velhaca, e disse lá com as suas pintas:

--- Eu já te curo, meu pedante...

E aproximando-se devagarinho, - *nhoc!* – engoliu o orador com sobrecasaca, discurso, cartola e tudo.

Bem feito. Assim houvesse um sapo para cada orador cacete!...<sup>26</sup>

Não deixa de ser instigante o modo como Monteiro Lobato compõe essa história, já em 1921. O deslocamento que o narrador efetua da cena envolvendo Narizinho e Emília, para assim se concentrar nos insetos pequeninos, é arrojado, porque abandona as personagens protagonistas a sua própria sorte. Os outros eventos ligados aos insetos é que passam para

primeiro plano. O arrojo contraria, porém, a idéia de série que Lobato passa a adotar na composição de sua obra. Não se identifica o aludido fator de redundância na narrativa relacionada aos insetos, pois suas personagens não protagonizam os diferentes episódios do livro estudado e nem seus temas são os dominantes na obra. A história, portanto, não caracteriza um episódio das personagens nucleares, embora assim o designe o autor desconhecido do texto que abre a apresentação dos acréscimos à matriz de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. O que se tem é uma narrativa independente, pois se desenrola sem que as personagens principais tomem sequer conhecimento dela.

O argumento da cerimônia do sepultamento da vespa, com os ingredientes de sátira e ironia às formalidades entediadas do mundo dos adultos, não poderia ser abandonado por Lobato, naturalmente. Saliente-se que a postura irreverente do responsável pela condução da história é muito parecida com a que desenvolveria Emília ao longo dos anos. Na reescrita dessa passagem, portanto, em *Reinações de Narizinho*, o escritor resolve a questão da independência da história, atrelando-a à personagem que mais apropriadamente caberia contá-la: a boneca. Desse modo, não apenas respeita a série, em que todas as aventuras são protagonizadas pelas mesmas personagens, vivendo e contando histórias, como ainda patenteia a evolução de seus meios discursivos, o que se constata com a sobreposição de narrativas.

Para que se acompanhe com clareza as modificações impostas e ao mesmo tempo se demonstre a construção da narrativa metadieética em *Reinações de Narizinho*, transcreve-se integralmente a passagem em questão:

--- Quero dizer que a tal vespa está morta e bem enterrada no fundo da terra – explicou a boneca. Assisti a tudo. Quando ela mordeu sua língua e você [Emília conversa com Narizinho] fez *plufe!* antes de berrar *ai! ai! ai!*, a jabuticaba cuspidada, ainda com a vespa dentro, caiu bem perto de mim. Vi então tudo o que se passou depois que você desceu da árvore, berrando que nem um bezerro, e lá se foi de língua de fora.

E a boneca contou direitinho o triste fim da pobre vespa.

--- Ela ficou quase uma hora metida dentro da casca, toda arrebetadinha, movendo ora uma perna, ora outra. Afinal parou. Tinha morrido. Vieram as formigas cuidar do enterro. Olharam, olharam, estudaram o melhor meio de a tirar dali. Chamaram outras e por fim deram começo ao serviço. Cada qual a agarrou por uma perninha e, puxa que puxa, logo a arrancaram de dentro da jabuticaba. E foram-na arrastando por ali afora até à cova, que é o buraquinho onde as formigas moram. Lá pararam à espera do fazedor de discursos.

--- Orador, Emília!

--- FAZEDOR DE DISCURSOS. Veio ele, de discursinho debaixo do braço, escrito num papel e leu, leu, leu que não acabava mais. As formigas ficaram aborrecidas com o besourinho (era um

besourinho do Instituto Histórico) e apitaram. Apareceu então um louva-a-deus policial, de pauzinho na mão. “Que há?” – perguntou. “Há que estamos cansadas e com fome e este famoso orador não acaba nunca o seu discurso. Está muito pau”, disseram as formigas. “Pára pau, pau!” - resolveu o soldado – e arrolhou o orador com o seu pauzinho.

As formigas, muito contentes, continuaram o serviço e levaram para o fundo da cova o cadáver da vespa. Em seguida apareceu uma trazendo um letreiro assim, que fincou num montinho de terra:

AQUI NESTE BURACO JAZ  
UMA POBRE VESPA ASSASSINADA  
NA FLOR DOS ANOS  
PELA MENINA DO NARIZ ARREBITADO.  
ORAI POR ELA!

Feito isso, recolheu-se. Era noite quase fechada. No pomar deserto só ficou o besourinho, sempre engasgado com o pau. Queria à viva força continuar o discurso. Por fim conseguiu destapar-se e imediatamente continuou: “Neste momento solene...” Nisto um sapo, que ia passando, alumiu o olho dizendo: “Espere que eu te curo!...” Deu um pulo e engoliu o fazedor de discursos!

--- Não reparou, Emília, se esse sapo era o Major Agarra-e-não-larga-mais? --- perguntou a menina.

--- Não era, não! --- respondeu a boneca. Era o Coronel Come-orador-com-discurso-e-tudo...<sup>27</sup>

Afora a substituição gradual da instância narrativa extradiegética pela intradiegética, é preciso apontar o acerto da tonalidade do discurso. Sob a condução de Emília, a narrativa preserva a graça da história contada na revista, porém é sutil na crítica ao universo dos adultos. Fica clara a intenção básica de divertir, de propiciar a fruição de um evento engraçado a Narizinho e aos pequenos leitores; existe, portanto, na narração da boneca, uma preocupação maior com a recepção da história. Com o narrador extradiegético da versão publicada na revista, ao contrário, e em função da condenação explícita ao comportamento das pessoas mais velhas, nota-se a imposição de seu modo de pensar, ou seja, do modo de pensar de quem produz a narrativa. Cabe ainda lembrar que, pelas razões já fornecidas e pela inexistência de relação direta entre os acontecimentos da metadiegeese e os da diegeese, o caso comentado exemplifica a função de distração prevista por G. Genette.

Essa discussão teórica, pois, foi desencadeada com a oportunidade da consulta ao acervo de obras raras da Biblioteca Acácio José Santa Rosa, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. A exposição que aqui se encerra corrobora a importância da acessibilidade às fontes organizadas de pesquisa. Com o alcance do conteúdo dos periódicos *O Estado de S. Paulo*, *Gazeta Magazine* e *Revista do Brasil*, conservados pelos órgãos de amparo à pesquisa da Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis, e da Universidade de São Paulo, pudemos robustecer as idéias defendidas em nosso trabalho, tanto no que tange à definição da



data correta da publicação de *Reinações de Narizinho*, como à confirmação do amadurecimento artístico de Monteiro Lobato como escritor de literatura infantil.

## Notas

1. CASTELLO, José Aderaldo. *Método e interpretação*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1965, p. 90.
2. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 329 (2º tomo), carta de outubro de 1931.
3. \_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
4. BERTOLUCCI, Denise Maria de Paiva. *A composição do livro **Reinações de Narizinho**, de Monteiro Lobato: consciência de construção literária e aprimoramento da linguagem narrativa*, 2005. 2 v., 594 p. Tese (Doutorado em Letras) UNESP. Assis.
5. LOBATO, Monteiro. *A Menina do Narizinho Arrebitado* (Edição fac-similar da 1ª edição do livro). São Paulo: Indústrias Metal Leve S.A. (José Mindlin), 1982.
6. Reedição, bastante reformulada e expandida, da história de Narizinho, o livro *Narizinho Arrebitado* foi publicado em 1921.
7. ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968, p. 205.
8. BARBOSA, Francisco de Assis. Monteiro Lobato e o direito de sonhar. Posfácio de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (Edição fac-similar da 1ª edição do livro). São Paulo: Indústrias Metal Leve S.A. (José Mindlin), 1982, p.55.
9. COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000, p. 139.
10. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 325 (2º tomo), carta de dezembro de 1931.
11. BARRETO, Plínio. Monteiro Lobato – *As Reinações de Narizinho* – Biblioteca Pedagógica Brasileira, série I – Literatura Infantil – Vol. I, Companhia Editora Nacional, S. Paulo. *O Estado de S. Paulo*, 19.12.1931. Livros Novos, p. 3.
12. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, da UNESP/ Assis, no Exame de Qualificação da tese *A composição do livro **Reinações de Narizinho**, de Monteiro Lobato*, chamou a atenção para essa semelhança.
13. MERZ, Hilda Junqueira Villela et al. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 40.
14. CAVALHEIRO, Edgard. No Sítio do Picapau Amarelo. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11.1.1942.
15. \_\_\_\_\_. Vida e obra de Monteiro Lobato. Prefácio de *Urupês*. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1957 (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”), p. 3-59.
16. No texto “Vida e obra de Monteiro Lobato por Edgard Cavalheiro”, presente na 9ª edição de *Urupês*, mas escrito em 1954, o crítico menciona a reescrita de modo a eliminar a explicação do “sonho” e a não distinguir o mundo real do mundo da fantasia, algo que ele não faz no artigo. Talvez seja Cavalheiro, portanto, naquele texto, que em 1957 viria a introduzir a 9ª edição de *Urupês*, quem primeiro aborda o assunto: “Na primeira versão, Lúcia, A Menina do Narizinho Arrebitado, acordava de um sonho, às margens do Ribeirão das Águas Claras. Mas Lobato percebeu que não havia razão para ser um sonho aquela maravilhosa aventura, e, nas edições subseqüentes, melhorou a obra, fazendo com que, para a meninada do Sítio do Picapau Amarelo não existisse distinção alguma entre o maravilhoso e a



realidade.” p. 44-45. No livro *Monteiro Lobato – Vida e obra*, à p. 578, Cavalheiro informa sobre a alteração promovida por Lobato em *Reinações de Narizinho* com praticamente a mesma redação transcrita acima.

17. LOBATO, Monteiro. *A Menina do Narizinho Arrebitado* (Edição fac-similar da 1ª edição do livro). São Paulo: Indústrias Metal Leve S.A. (José Mindlin), 1982.
18. Na ocasião da defesa da tese *A composição do livro **Reinações de Narizinho**, de Monteiro Lobato*, a Dra. Adriana Silene Vieira, do Centro Universitário São Camilo/ São Paulo, trouxe-nos uma cópia reprográfica do volume original de *O irmão de Pinocchio*, publicado em 1929.
19. COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 848.
20. *Revista do Brasil*, 16(61): 42, jan. 1921.
21. GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega Universidade, s/d, p. 227.
22. LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”), p.32.
23. *Ibid.*, p.164.
24. *Ibid.*, p. 164.
25. *Ibid.*, p. 179.
26. LOBATO, Monteiro. O enterro da vespa. *Revista do Brasil*, 16(61): 42-44, jan. 1921.
27. \_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”), p. 36-39.

Artigo recebido em 03/05/2007 e aprovado em 24/09/2007